



Suricate Seboso no Facebook: linguagem, identidade e memória do Nordeste em rede

"Suricate Seboso" on Facebook: language, identity and memory in Northeastern Brazil

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante*

Maria Clara Sidou Monteiro**

Jessica Carneiro***

João Victor Sales****

RESUMO

Este trabalho tem como proposta fazer uma análise da reafirmação da identidade nordestina e sua relação com memória, a partir das práticas de comunicação mediadas pelas novas tecnologias, mais especificamente da página Suricate Seboso, no Facebook. Por meio de entrevista com o autor da página, relacionam-se linguagem, identidade e memória como elementos constituintes dos conteúdos da página do Suricate Seboso. Percebeu-se ainda que o aspecto humorístico opera como elemento de construção de sentido, proporcionando identificação dos usuários com a página e reafirmando uma identidade nordestina.

Palavras-chave: Linguagem; Suricate Seboso; Memória; Identidade; Narrativa.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the reaffirmation of Northeastern Brazilian identity and its relation to memory, based on communication practices mediated by new technologies, specifically focusing here on the *Suricate Seboso* page on Facebook. Based on interviews with the author of the page, we established the relationship between language, identity and memory as constituent elements of the *Suricate Seboso* page content. It was also observed that humor is an element that helps to build meaningful identification of users with the page, therefore contributing to their reaffirmation of Northeastern Brazilian identity.

Keywords: Regionalism; *Suricate Seboso*; Memory; Identity; Narrative.

* Doutora em Educação. Professora do curso Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: Av. da Universidade, 2,853, CEP 60020181, Benfica, Fortaleza. Telefone: (85) 9982-2669. E-mail: andrea@virtual.ufc.br.

** Mestre em Comunicação. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, Santana, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (85)86829652. E-mail: mclarasm@gmail.com.

*** Bacharela em Comunicação. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: Av. da Universidade, 2853, Benfica, CEP 60020-181 Fortaleza, CE. Telefone: (85)89643474. E-mail: jessiscarneiro@gmail.com.

**** Bacharel em Comunicação. Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: Av. da Universidade, 2853, Benfica, CEP 60020181, Fortaleza, CE. Telefone: (85)87012980. E-mail: jv.melo.sales@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os estudos em *sites* de redes sociais têm pautado, sobretudo, a temática da construção de identidade em rede, que tem processos e características específicos, muitas vezes divergentes, mas complementares em relação à identidade “real”. As plataformas digitais têm se apresentado como cenário facilitador da compreensão de como os sujeitos inseridos nesses ambientes (os usuários dos *sites* de redes sociais) fazem uso das ferramentas disponíveis em redes virtuais para comunicar quem são, o que pensam e com o que se identificam.

Os internautas nordestinos usuários dos *sites* de redes sociais (sRSs), por sua vez, têm participado, nesta década de 2010, da disseminação de algumas páginas que apresentam conteúdos que valorizam a cultura regional, alcançando milhões de fãs, sobretudo no estado do Ceará. Uma das mais populares, por somar mais de dois milhões de fãs em menos de dois anos de atividade, a página Suricate Seboso,¹ vai além das fronteiras cearenses, mobilizando leitores em todo o Brasil.

Esta pesquisa se propõe a investigar a relação entre memória e identidade, tomando como recorte a análise da entrevista coletiva realizada com o criador do Suricate Seboso. O trabalho está dividido em quatro seções: 1) redes sociais e o Suricate Seboso, que discute como a cultura digital favoreceu a disseminação da página; 2) identidade regional, que apresenta os conceitos de identidade pessoal e social como indissociáveis, aproximando-os da noção de identidade regional característica no Suricate Seboso; 3) memória, que, à luz da teoria de Halbwachs (1990), trata do conceito de memória coletiva, relacionando-o à formação da identidade, na página do Suricate Seboso; e, por fim, 4) identidade, memória e narrativa, que, em articulação, refletem sobre o sentido de cultura nordestina.

REDES SOCIAIS E O SURICATE SEBOSO: O NORDESTE E SUA (CIBER)CULTURA

Antes de discutirmos sobre as categorias de identidade e memória, é importante ressaltar o contexto em que ambas se relacionam, no caso da página Suricate Seboso. Esse contexto é marcado pelas especificidades das instâncias em que se dão constituições identitárias de forma privilegiada no ciberespaço: os *sites* de redes sociais (sRSs).

Os sRSs surgiram, segundo Recuero (2009), como uma maneira de substituir os “terceiros lugares”, ou seja, os espaços – públicos ou não – em que os indivíduos constroem laços sociais. De acordo com Recuero (2009), os sRSs têm como premissa básica: a) a construção de uma *persona* por meio de um *site* pessoal ou um perfil virtual; b) a interação com outros usuários a partir dos comentários; e por fim, c) expor publicamente a rede social de cada “ator”.

Esses ambientes virtuais passaram a ser relevantes para as relações sociais porque sua apropriação se deu dentro de uma conjuntura de leis, ações sociais e pensamentos, que se concretizaram na internet e interferiram em diversas práticas sociais. Por isso, posteriormente, ganhou o nome de cibercultura:

[Ela] se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com

¹ Dado de janeiro de 2015.

as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (LÉVY, 1999, p. 15).

A partir da possibilidade de criação de uma *persona* e de sua exposição pública, além da interação que permite o estabelecimento de comunidades virtuais, a internet passa a ser compreendida então como um espaço performático em que múltiplas identidades – individuais e coletivas – são constituídas e negociadas. Tais identidades se formam à medida que são narradas (DAVIS, 2011), podendo ainda, em alguma medida, reforçar e conservar elementos culturais tradicionais, preexistentes à *persona* que se constitui nas redes digitais.

Devido ao fato de as comunidades virtuais possibilitarem não apenas o surgimento de novas identidades, mas também a reconfiguração de identidades tradicionais, surgiram, na região Nordeste – em especial no estado do Ceará –, novas formas de comunicação e de compreensão dos sujeitos a partir de uma regionalidade demarcada, que ganham corpo no ciberespaço.

Dentre essas novas formas de comunicação, escolhemos pesquisar sobre a página Suricate Seboso, que possui o maior alcance no Ceará em relação a páginas do mesmo gênero: mais de dois milhões de curtidores no Facebook.² Criada em 13 de dezembro de 2012, pelo cearense Diego Jovino de Oliveira, a página se caracteriza por apresentar uma linguagem bem-humorada, com fortes marcas regionais,³ cujo objetivo é compartilhar trechos e recortes culturais, mais especificamente nordestinos, que podem ser replicados e reapropriados pelos usuários numa rede social (DAWKINS apud RECUERO, 2009).

Os cartuns⁴ do Suricate Seboso constituem-se, em geral, de montagens fotográficas com uma estética peculiar, propositadamente amadora, e possuem alguns padrões visuais recorrentes. Podem ser de apenas um quadro ou podem ser em sequência, ao modo de uma tira de história em quadrinhos. Em sua maior parte, tais cartuns narram cenas do cotidiano da região Nordeste, em especial do Ceará, cujos personagens são representados por suricates, uma espécie de mamífero africano.⁵

Os suricates são apresentados em situações cotidianas, tais como a sala de aula, o uso do transporte coletivo, a relação entre amigos e os conflitos entre mãe e filho. Os personagens utilizam adereços variados, de acordo com a narrativa, como chapéu de couro, fardamento escolar e roupas de banho. É muito comum, ainda, a variação dos tipos de cabelos usados pelos suricates, longos, curtos, coloridos, dependendo também do tema do cartum.

Uma das principais características das postagens do Suricate Seboso está na linguagem utilizada, marcada por expressões regionais do Ceará e pelo bom humor, típicas da linguagem oral. É curioso ver algumas dessas expressões escritas nos

² De acordo o criador da página, a maioria desses fãs é composta de residentes no Ceará, principalmente na capital.

³ Alguns elementos levam-nos a caracterizá-lo assim. O humor está presente por meio do uso de recursos, como ironia, estereótipos e hipérboles. Já o regionalismo está presente, por exemplo, nos textos, por meio de expressões próprias da oralidade regional, nas imagens, por intermédio de personagens e locais, e nos enredos.

⁴ Segundo Rabaça e Barbosa (2001), “O cartum é uma anedota gráfica; seu objetivo é provocar o riso do espectador”.

⁵ De acordo com Jovino, a escolha pela utilização de suricates se deu principalmente pela variedade de imagens do animal disponíveis na internet.

cartuns da forma como são faladas, o que confere mais autenticidade e originalidade às postagens. É o caso, por exemplo, de “meu fi”, em referência a “meu filho”; “armaria”, como sendo “ave Maria”; “mah”, corruptela da palavra “macho”; “réi”, referindo-se a “velho”. Todas essas expressões estão presentes na linguagem oral dos cearenses de várias gerações e de classes sociais distintas.

A repercussão positiva das postagens da página do Suricate Seboso atravessou as fronteiras dos sRSs, fazendo com que o personagem se tornasse garoto propaganda de algumas campanhas publicitárias locais e, mais recentemente, estivesse presente no Sana⁶ com estande próprio para venda de produtos, como camisetas, canecas e *buttons*.

No ambiente das comunicações digitais, os atores da rede, ao curtir as postagens, comentá-las, compartilhá-las e sugerir enredos para os cartuns, estão fazendo um exercício de apropriação, no sentido proposto por Thompson (2012).

Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos para reflexão e autorreflexão, como base para refletirem sobre si mesmos, os outros e o mundo a que pertencem (THOMPSON, 2012, p.70).

Com o auxílio das ferramentas propiciadas pelos sRSs, os usuários conquistaram o poder de compartilhar, de expor, de opinar e, principalmente, de pulverizar mensagens assíncronas, mas que são apropriadas e reapropriadas num fluxo contínuo, ganhando novos contextos, e nesse caso, gerando um movimento de valorização da cultura nordestina. Esse movimento possibilitou que o conteúdo, ancorado em uma linguagem peculiar, marcada por expressões regionais e humorísticas, chegasse a milhares de usuários que, ao se identificarem com a página, apropriaram-se do que estava sendo compartilhado, ressignificando e conferindo novos sentidos às postagens.

Parte-se, aqui, do entendimento de que a internet se apresenta como um artefato cultural, em que a rede digital compõe um elemento da cultura, e não uma entidade à parte (FRAGOSO et al., 2011), fazendo com que os fenômenos que aconteçam neste meio *offline* ou “real” influenciem no meio digital, e que o caminho oposto também seja verdadeiro. Quando se entende que a internet como um todo se constitui de fato como um artefato cultural, e não uma cultura isolada em si, pode-se perceber que essas transformações dentro do universo digital andam de mãos dadas com outros processos de transformação que vivenciamos no mundo *offline*.

Pensando em uma narrativa intimamente ligada à identidade construída *on* e *offline*, o Suricate Seboso recria e faz emergir o repertório cultural próprio do “ser nordestino” e de suas implicações, a partir do momento em que conta histórias de vida, causos com os quais os atores da rede se identificam. As curtas histórias que são contadas na página remetem a experiências e a fragmentos da memória de personagens tipicamente nordestinos. A vida ali contada – ou narrada biograficamente – não é obrigatoriamente uma vida tal qual foi vivida, mas da forma que é lembrada, e como ela é lembrada para ser contada (ARFUCH, 2010). Essa vida, repleta de tradições e de rituais próprios de uma região, que não ocorre a apenas um indivíduo, senão à boa parte deles, desperta lembranças de uma memória coletiva

⁶ O Sana, Super Amostra Nacional de Animes, é um evento realizado em Fortaleza desde 2001 que reúne fãs de *animes*, mangás e *games*.

socialmente construída, que evoca esse Nordeste, o qual, o Suricate Seboso tem o desafio de representar.

IDENTIDADE REGIONAL: O PESSOAL E O SOCIAL NO SURICATE SEBOSO

Muitas pesquisas no campo das ciências humanas e sociais que tomam como objeto de estudo a identidade, buscam psicologizá-la e essencializá-la, no sentido de atribuir os processos que a constituem como sendo particulares tão somente ao indivíduo. Todavia, a abordagem adotada neste texto busca situar a identidade pessoal como fortemente imbricada à identidade social, de maneira que não se possa pensar uma sem a outra (LIMA, 2012a). Além dessa concepção de uma identidade de caráter mais social, entende-se, neste trabalho, que a forma de compreender e descrever os processos que perpassam o que entendemos por “identidade” se dá por meio da narrativa de vida.

Essa identidade narrativa, por sua vez, conforme aponta Arfuch (2010), pode designar tanto um indivíduo quanto uma comunidade, um ponto de articulação. A história do sujeito, de acordo com que é narrada, confere sua condição de existência. A narração autobiográfica permite que se localize, dentro do tempo de narração, quais outras “vozes” constituem o “eu” enquanto sujeito. Cabe aqui, portanto, a concepção polifônica e dialógica da identidade (ARFUCH, 2010), que considera a multiplicidade da voz narrativa ao abordar essa a questão, ou seja, a história de vida de vários sujeitos ajudando a construir a própria história de vida.

A “identidade”, aqui entendida como dialógica e polifônica, ao mesmo tempo pessoal e social, também pode ser encontrada nos estudos de identidades regionais. Nos debates em torno dessas identidades regionais, ganha destaque um aspecto importante para compreender nosso foco de análise: o fato de que a constituição de uma identidade territorialmente localizada se dá em meio a um contexto de globalização. Afinal, a página Suricate Seboso manifesta uma rede social em torno de uma localidade geográfica específica, por meio de um processo de identificação que acontece em uma plataforma própria do contexto globalizado: o sRS Facebook. Isso significa que, no conteúdo, entram em tensionamento as diversas representações de elementos culturais locais e globais.

Optou-se, portanto, por abordar os processos globalizadores, não como meras homogeneizações culturais, mas como reordenamentos de diferenças (CANCLINI, 1999), o que implica que se adote uma concepção de identidade como uma construção dada na relação social, e não como uma essência preexistente a um indivíduo ou grupo social

A identidade regional, por sua vez, é construída para escamotear as diferenças sociais, econômicas e culturais internas à população de uma determinada região geográfica, pressupondo-a como internamente homogênea. Ao mesmo tempo, o regionalismo opõe uma região a outra, apontando para as diferenças existentes entre elas, que são utilizadas também na construção das identidades (OLIVEN, 1992).

O contexto da globalização trouxe ainda à tona questionamentos sobre a pluralidade de identidades assumidas pelos indivíduos. Daí nossa preferência pela utilização do termo no plural. Afinal, se antes elas eram pensadas dentro de núcleos coerentes, devem passar a ser analisadas, atualmente, a partir de processos pluralizantes de deslocamentos:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo completamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2005, p. 13).

Por isso, para Hall (2005), em vez de destruir identidades locais, seria mais provável que a globalização produzisse, simultaneamente, novas identificações tanto globais quanto locais, ratificando algumas proposições apresentadas acima.

Identificamos os cartuns do Suricate Seboso com temáticas regionais mais próximos da realização da proposta de Canclini (1999): o autor defende que a promoção das tradições locais só adquire sentido e eficácia sem resistências à modernidade, de forma que vincule a cultura regional às condições de internacionalização. Desse modo, o que pode favorecer a constituição de uma identidade regional na página Suricate Seboso é o fato de o seu conteúdo não apresentar uma contraposição às condições modernas de globalização, mas dialogar com elas.

Além da identidade, comentada acima, elegemos ainda a questão da *memória*, como categoria de análise, que abordaremos na próxima seção.

MEMÓRIAS DE UM NORDESTINO E SUA (COR)RELAÇÃO COM A IDENTIDADE

Além das condições que propiciaram a constituição da identidade regional identificada no conteúdo e compartilhamento pelo público, para a análise do caso da página Suricate Seboso, observamos que esse processo de criação se dá de forma privilegiada, a partir da memória do criador. As categorias de identidade e memória foram pinçadas da entrevista coletiva com o criador da página do Suricate Seboso, Diego Jovino de Oliveira.

Para compreender melhor a relação entre memória e identidade regional, buscamos adotar uma abordagem que tratasse também da memória de forma coletiva, e não apenas individual, visto que embora o conteúdo das postagens seja constituído, sobretudo, de lembranças particulares do seu criador, há contribuição dos internautas, que enviam muitas sugestões, transformando assim esse repertório de memórias antes individuais, em experiências coletivas.

Halbwachs (1990) trabalha com o termo memória coletiva para compreender a lembrança de um indivíduo a partir das relações entre a pessoa e o meio onde ela se encontra. A memória coletiva – também chamada de popular – permite compreender o social pelas pistas que ela dá sobre valores e sistemas de pensamento (LOZANO apud GRISA, 2003). Nesse sentido, essa memória, que também é cultural, articula acontecimentos dos grupos sociais para dar continuidade ao processo de construção da identidade coletiva (MARTÍN-BARBERO, 2001).

Tanto Diego Jovino quanto grande parte dos internautas que seguem a página parecem pertencer à categoria de “nordestinos” e/ou “cearenses”, categorias sociais definidas culturalmente a partir de identidades territorialmente delimitadas. Esse fato é importante quando compreendemos que a memória coletiva está relacionada tanto à memória de um sujeito como também à história e à tradição de uma sociedade, demarcadas geográfica e temporalmente. Ou seja, a memória individual é constituída também a partir das experiências e lembranças evocadas pelo grupo social a que

pertence. A página Suricate Seboso parece promover assim uma adesão afetiva a esses grupos sociais.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Do mesmo modo que não se pode separar a memória do contexto social do sujeito durante sua vida, também não é possível separar o passado do presente nas lembranças, pois a memória apresenta diferentes releituras com recortes do que passou, de acordo com o momento presente. Por isso, o passado é um elemento de destaque na compreensão de algumas definições de memória, inclusive com ênfases mais individualistas. Le Goff (2003), por exemplo, define-a como uma propriedade de guardar informações ou impressões que o próprio homem considera como passadas. Já Bergson (2006) complementa essa noção com a postulação de que existem duas memórias distintas: uma atrelada ao organismo, que faz réplicas do que se apreende, formada por hábitos, experiências passadas, que fazem o sujeito se adaptar ao presente; a outra seria a memória pura, que retém e alinha cronologicamente os acontecimentos de um sujeito, prendendo-os ao passado.

Na sociedade atual, de acordo com Halbwachs (1990), encontram-se as pistas para a reconstrução desse passado individual e coletivo, como em imagens e conversas. Por isso, na seção seguinte, buscamos analisar essas “pistas” na entrevista de Diego Jovino, ou seja, os elementos que se referem a lembranças do passado – e, portanto à categoria da memória, tanto individual quanto coletiva–, e que possibilitam uma melhor compreensão do processo de constituição desta identidade regional que liga a página Suricate Seboso a seus fãs.

DIEGO JOVINO E SURICATE SEBOSO: IDENTIDADE, MEMÓRIA E NARRATIVA

A entrevista coletiva com o criador da página Suricate Seboso, Diego Jovino de Oliveira, foi realizada pela equipe do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (Grim), da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 12 de setembro de 2013, em Fortaleza. A entrevista coletiva teve como objetivo subsidiar a pesquisa “Jovem e consumo midiático em tempos de convergência”,⁷ em fase de desenvolvimento. A entrevista caracterizou-se como semiestruturada, com um roteiro elaborado pelos participantes do Grim, e foi aberta a questionamentos e intervenções das pessoas presentes.

Bom, tem algumas postagens que são muito parecidas, que fazem parte da realidade do paraibano, fazem parte da realidade do cearense. O que pode diferenciar é mais o jeito dele escrever a linguagem, “visse”, “mainha”, eu boto mãe, a mãe escrito “manheeeê”, ele bota “mainha”, ei “mainha”. É a questão da linguagem, é diferente, é mais assim, tipo acho que o Suricate eu apelei muito pra coisas de brincadeiras de infância, não só pra questão de mãe e filho, brincadeiras de infância, brincadeiras da escola, merenda da escola, dentro de ônibus (OLIVEIRA, 2013).

⁷ A pesquisa “Jovem e consumo midiático em tempos de convergência” está sendo realizada em todo o Brasil e tem coordenação nacional da professora Nilda Jacks (UFRGS). No Ceará, o estudo é coordenado pela professora Inês Vitorino (UFC).

O autor da página recorre a memórias da infância para descrever aspectos de sua identidade. A construção da narrativa tecida dentro da página Suricate Seboso, além de remontar a aspectos privados da vida de Diego, evoca memórias coletivas que, mesmo lhes sendo alheias, possibilitam-lhe apropriar-se delas, tomando-as como parte constitutiva de sua vida, de sua identidade.

A narrativa se faz, portanto, não apenas como parte constituinte, mas condição de existência daquele sujeito que se narra, que se produz a partir de suas memórias, ajudando-o a se construir enquanto tal e moldando sua subjetividade. Suas experiências, conforme são organizadas em discurso, por meio de sua narrativa de vida, fazem com que ele se coloque no mundo como alguém que se (auto)intitula “nordestino”, que identifica suas origens, o lugar a que pertence e com o qual se relaciona.

Ao ser questionado sobre a linguagem bastante peculiar usada na página Suricate Seboso, Diego Jovino de Oliveira conta que o intuito é afirmar aquela cultura ali disseminada, em vez de estereotipar o “nordestino”.

As experiências e causos narrados na página – em forma de cartuns – pertencem muito mais a uma memória que parece ser privada, da relação entre mãe e filho, entre professor e aluno. Utilizar a narrativa da história de vida, das experiências que parecem estar circunscritas dentro do campo privado do sujeito, foi uma opção metodológica que pretendeu abandonar os moldes tradicionais de estudar identidade (LIMA, 2012b), no intuito de demonstrar como o singular pode representar o todo.

[...] eu sempre fui uma pessoa que convivi no meio do povo, escola pública, brincar no meio da rua; se as coisas não aconteceram comigo algumas coisas –, eu vi acontecer com outras pessoas: eu via a vizinha gritando com o filho, chamando no meio da rua com o cipó na mão. Então, a gente presencia dentro do ônibus alguém falando alguma coisa. Ou até o próprio humor cearense, os humoristas contando piada, eles usam palavras ou situações do dia a dia que às vezes me fazem lembrar outras coisas também. Então eu faço tudo meio assim, tem coisas que eu nem lembro. A galera posta lá, aí eu “vixe!”. Até mesmo minhas postagens, que tem coisas que a galera nem lembrava antes, comenta “Vixe, é mesmo!”. A galera dá sugestão, é desse jeito pra mim. Eu vejo também e começo a rir sozinho. Aí eu vou lá e faço a imagem (OLIVEIRA, 2013)

Por intermédio de sua memória, o criador da página pontua elementos que fazem parte da cultura nordestina, e a promove, trazendo em seus cartuns temáticas tais como comidas prediletas, lendas urbanas e disputa de gênero. Outro aspecto interessante da história de Diego de Oliveira, e de sua relação com a página Suricate Seboso, é perceber a apropriação de experiências de terceiros como experiências próprias constituintes de sua história/trajetória pessoal.

Pollak (1992) afirma que os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva são os acontecimentos vividos pelo sujeito e os “vividos por tabela”. Estes últimos seriam acontecimentos vividos pelo grupo social a que o sujeito pertence, mas de que ele não consegue saber se participou ou não, embora os retenha por sua importância para o imaginário social.

[...] o tema da regionalidade mesmo [foi trazer] a questão da valorização: a pessoa começa a escrever muito, até no Facebook,

“armaria nam” e compartilha alguma coisa “armaria nam” e “urricupadi”. A pessoa bota alguma coisa e “ieeeii”. E eu acho que começou mais com a questão da discussão da regionalidade mesmo, e dizer que aquilo ali não tá errado, você só tem que saber o momento de usar aquilo, e não pode perder nossa cultura, não pode deixar nosso linguajar morrer por conta de gramática, alguma coisa assim, que tem que ser padrão [...] Eu acho que estar na internet, né, é uma situação diferente. Na internet, eu costumava ver gírias paulistas, cariocas, “os mano pira”, “as minas pira”, num sei o quê e tal. Aí quando você vê lá um Suricate dizendo “ai dentu”, o que que você faz? Você se identifica, e antes não tinha isso na internet. Então, na internet é assim: você compartilha aquilo que você se identifica naquele momento, que nesse caso do Suricate pode ficar para o resto da sua vida, se você continuar falando desse jeito e vivenciando essas coisas, então é bem por isso. É pra se identificar mesmo (OLIVEIRA, 2013).

A estratégia do humor, que usa este linguajar regional, gera não apenas identificação, mas laços de afetividade em relação ao personagem Suricate Seboso, uma vez que as histórias contadas na página não se restringem a descrever simplesmente o que são, onde vivem, como falam os nordestinos: elas remetem às memórias da infância, do ambiente familiar, o que traz uma mistura de nostalgia e saudosismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso da página do Suricate Seboso se deve a sua característica mais peculiar: a linguagem que faz evocar as memórias de uma infância que, à primeira vista, parece ser de ordem particular; o linguajar característico do Nordeste opera como um canal para comunicar e narrar essas memórias, fazendo com que os seguidores da página se apropriem das publicações, ao mesmo tempo em que interagem com ela, fornecendo conteúdos para novas postagens. Percebe-se então que estas três categorias (linguagem, memória e identidade) parecem trabalhar entrelaçadas, de forma a não se poder discorrer sobre uma sem trazer à luz as duas outras.

Este artigo pretendeu analisar aspectos da página do Suricate Seboso no sentido de compreender como a evocação de memórias do universo infantil é feita na busca de visibilidade e cumplicidade, tendo como consequência a reafirmação de uma identidade social e regional. Esta análise, mesmo que incipiente, indica que há um vasto campo para problematizar a identidade e a memória dentro (e fora) do mundo virtual, contribuindo para os estudos da cibercultura.

Artigo recebido em 31/01/2015 e aprovado em 10/04/2015.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Uerj, 2010.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio da relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- DAVIS, Mark. *You have to come into the world: transition, emotion and being in narratives of life with the internet*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GRISA, Jairo. *Histórias de ouvinte: a audiência popular no rádio*. Itajaí: Univali, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. *Geographia*, Niterói, ano 1, n. 1, p. 15-39, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Aluisio Ferreira de. *Psicologia social crítica: paralaxes do contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012a.
- _____. A identidade como problema de pesquisa. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 215-229, 2012b. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/987/717>>. Acesso em 2 mar. 2014.
- OLIVEIRA, Diego. Entrevista sobre o Suricate Seboso. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 12 set. 2013. Entrevista concedida ao grupo de pesquisa da relação infância, juventude e mídia (Grim) da Universidade Federal do Ceará.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Tradução Dora Rocha. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>>. Acesso em: 10 mar. 2013.
- RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Campus, 2001.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.